DE AVEIRO PARA AS MARGENS DO ATLÂNTICO

A CARGA DO NAVIO RIA DE AVEIRO A E A CIRCULAÇÃO DE CERÂMICA NA ÉPOCA MODERNA

PATRÍCIA CARVALHO **CHAM – FCSH - UNL | UAç | Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia**
JOSÉ BETTENCOURT **CHAM – FCSH - UNL | UAç | Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia**

RESUMO Em 1992, na Ria de Aveiro, foram descobertos fortuitamente os vestígios de uma embarcação, construída em madeira e datada por radiocarbono de meados do século XV, com uma carga de cerâmica comum. Entre 1996 e 2005 estes vestígios foram parcialmente escavados e recuperados em duas fases de trabalho. A primeira centrou-se na escavação e recuperação da estrutura em madeira e a segunda, iniciada em 2000, ocupou-se do estudo e caracterização da mancha de dispersão da carga do navio.
O bom estado de conservação dos vestígios permitiu abordar temas relacionados com a formação do sítio arqueológico, a estiva a bordo do navio ou a produção de cerâmica comum da região de Aveiro-Ovar.
Nesta comunicação apresentam-se os trabalhos efectuados no sítio e faz-se uma aproximação preliminar ao seu contexto histórico-cultural, nomeadamente no quadro da navegação moderna e na circulação de cerâmica comum de origem portuguesa no Atlântico.

PALAVRAS-CHAVE **Cerâmica comum, Ria de Aveiro, arqueologia subaquática, comércio marítimo**

INTRODUÇÃO

Os vestígios do naufrágio Ria de Aveiro A (RAVA), descobertos em 1992, foram tema de um programa plurianual de investigação entre 1996 e 2005, com o objectivo de proceder ao seu estudo e salvaguarda.
Uma primeira fase centrou-se na escavação do navio, sendo finalizada no terreno em 1999, com a remoção dos vestígios arquitecturais (Alves *et. al.*, 2001a, p. 317--345; Alves *et. al.,* 2001b). Durante esses trabalhos foi ainda recuperada uma vasta colecção de cerâmicas, que correspondia apenas aos níveis depositados no interior ou na imediata periferia da estrutura da embarcação, sobretudo junto à popa (Alves *et. al.*, 1998, p. 185-210; Alves, 1997, p. 85-86), o que justificou a continuidade do projecto, ao revelar a preservação de depósitos significativos da carga em torno do navio.
Uma nova fase de escavação foi iniciada em 2001 pelo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do programa POCTI (POCTI/ 34922/ HAR/ 2000), e teve a duração de quatro anos, revestindo-se de duas abordagens complementares. Por um lado, procurou-se definir o processo de distribuição da carga a bordo e interpretar as áreas funcionais do navio e, por outro, caracterizar a carga e a cultura material ligada ao funcionamento da embarcação. Este artigo resume os resultados obtidos durante este projecto.

1. LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O sítio arqueológico RAVA situa-se junto à praia de Biarritz, no canal de Mira (freguesia de São Salvador, concelho de Ílhavo), cerca de 400 m a Sul da ponte da Barra (fig. 1). Quando foi descoberto, caracterizava-se por apresentar uma *mamoa,* na qual eram visíveis os

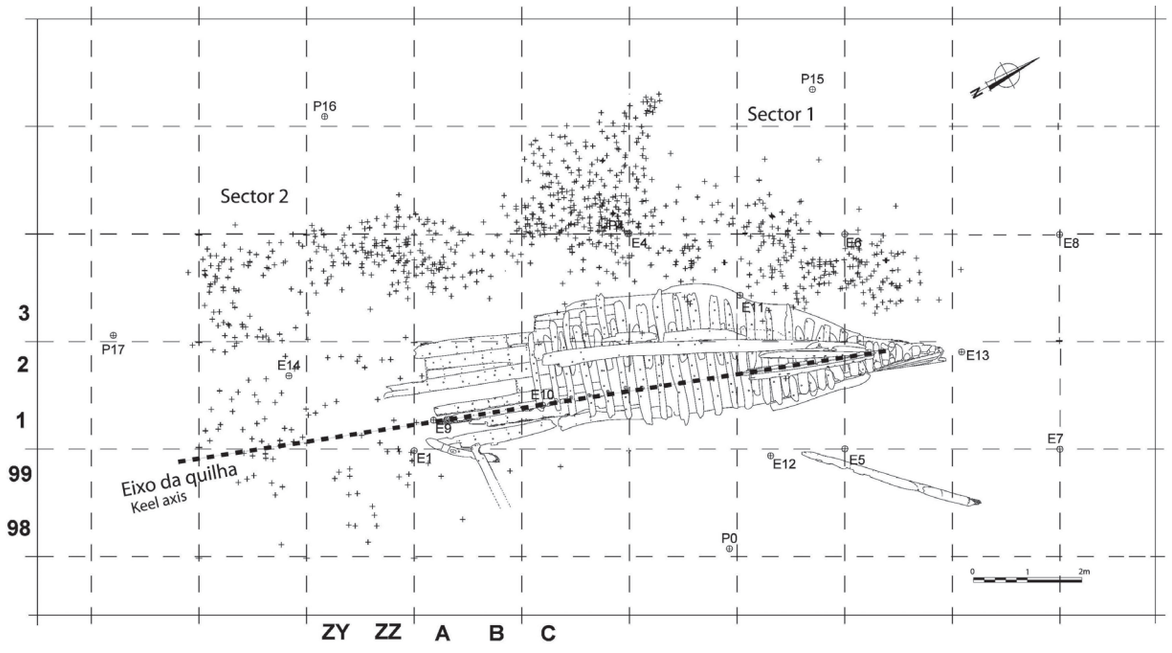
1. Localização do sítio arqueológico RAVA.

topos das cavernas de uma embarcação em madeira e vários objectos de cerâmica na sua imediata periferia.

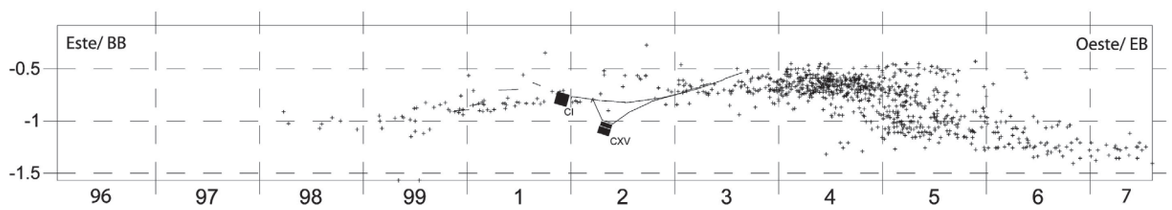
As escavações efectuadas posteriormente revelaram que a parte central dos vestígios era ocupada pela metade de popa do fundo do navio até ao primeiro braço no bordo de estibordo, o melhor preservado. Na análise da distribuição dos artefactos coordenados entre 2000 e 2005 verificou-se que a maior densidade de vestígios se distribuía ao longo desse bordo (eixos 4 e 5 da planta), onde se localizaram depósitos primários da carga (fig. 2). Estes caracterizam-se por apresentarem significativa percentagem de formas completas e em associação, preservadas em sedimentos finos argilosos, que permitiram ainda a conservação de materiais orgânicos. Porém, esta dispersão, na imediata periferiado navio, afastava-se progressivamente do eixo longitudinal da quilha no sentido da proa, da qual não se encontraram, até agora, quaisquer indícios.

Na análise notou-se também um decréscimo na densidade dos vestígios nas unidades do eixo 3, sobretudo no sector 2. Nestes quadrantes, os vestígios, fragmentados, caracterizam-se pela dispersão vertical e horizontal e por se encontrarem maioritariamente preservados em areias. Nestes depósitos, secundários, os materiais orgânicos são escassos e as peças cerâmicas apresentam, por vezes, incrustações calcárias de origem biológica nas superfícies.

Estas observações constituem um importante indício do processo de formação do sítio, pois parecem indicar um processo de erosão dos vestígios que se encontravam nestas áreas. Com efeito, a destruição da estrutura do navio mostra uma orientação de Sul para Norte, no sentido da vazante, quando as correntes são mais fortes. É sobretudo expressiva a posição de alguns elementos deslocados do navio, como por exemplo a caverna V de proa ou a sobrequilha, que foram localizados a Este da carena preservada. Significativo é ainda o facto da extremidade Sul do navio conservar apenas o tabuado, o que também pode ser relacionado com o processo gradual de erosão dos sedimentos argilosos que cobriam esta parte da embarcação e consequente destruição dos níveis e das estruturas que se sobrepunham ao forro exterior. O sítio terá, assim, integrado um ambiente protegido numa primeira fase e outro mais exposto após a



2. Distribuição horizontal dos materiais coordenados entre 2000 e 2005.



3. Distribuição vertical dos materiais coordenados em relação aos perfis das cavernas CI e CXV. Notar a concentração de materiais a Oeste da estrutura, onde a carga foi derramada.

construção da Barra Nova, no início do século XIX (Bettencourt e Carvalho, 2007-2008).

Refira-se, também, que foram documentadas diversas evidências da ocorrência de um incêndio a bordo do navio, que terá levado ao derrame da carga sobre estibordo. Estas são materializadas em cerâmicas deformadas e vitrificadas pelo calor e em carvões vegetais, localizados não só entre os sedimentos que protegiam a carga, como também no interior de alguns artefactos. O derrame da carga e as condições de baixa energia a que estiveram sujeitos os vestígios numa primeira fase explicam a boa preservação dos depósitos arqueológicos. Muitas cerâmicas apareciam empilhadas, como os alguidares e as tigelas, ou arrumadas no interior das peças de maior dimensão, como as talhas ou os cântaros. Dentro das talhas, por exemplo, foram encontrados até ao momento um máximo de 14 púcaros. Registe-se também o acondicionamento de púcaros sobre tigelas ou pratos, de tigelas e púcaros no interior de servidores ou o aparecimento de dois púcaros envoltos num tecido grosseiro, semelhante e serapilheira (Bettencourt e Carvalho, 2007-2008).

4. Acondicionamento de púcaros no interior de uma talha.

2. A CARGA CERÂMICA

2.1 Produção

No sítio RAVA foram identificadas produções de louça vermelha e de louça preta, fabricadas com argilas semelhantes no que diz respeito à composição, textura e fractura. A louça vermelha, cozida num ambiente oxidante, é constituída por peças de tom vermelho-alaranjado (10R 5/8 a 7.5YR 7/6, do catálogo Munsell Soil Color Chart). A louça preta, fabricada em ambiente redutor, produziu peças de tom cinzento e negro, por vezes com evidente brilho metálico (2.5Y 5/1). Muitas das peças apresentam nas superfícies exteriores diferentes tonalidades e mesmo manchas negras resultantes de variações no ambiente e na temperatura de cozedura no forno. Existe também um grupo pouco numeroso com pastas beges (7.5YR 6/3), mas nesta fase não sabemos se corresponde a um fabrico específico ou ao resultado de variações nas condições de cozedura das produções anteriores.

Macroscopicamente, ambas as produções apresentam o mesmo tipo de elementos não plásticos: quartzo e mica, de grão fino a médio, bem distribuídos ao longo da matriz. O tratamento das superfícies consiste sobretudo na aplicação de um engobe ou aguada da mesma cor, mas de tom mais escuro do que o cerne da cerâmica. Esta aplicação surge ainda brunida em linhas verticais e cruzadas, formando nalguns casos motivos geométricos nas formas fechadas (púcaros, bilhas, cântaros e talhas) e linhas concêntricas ou espiraladas nas formas abertas (tigelas e pratos).

A homogeneidade deste conjunto foi comprovada por análises mineralógicas e químicas, que confirmaram também uma variação significativa no ambiente de cozedura (redutora e oxidante) das diferentes amostras (Alves, Castro e Labrincha, 1998). As mesmas análises, a par de outras efectuadas a materiais semelhantes, indicam que estas cerâmicas serão uma produção da região de Aveiro-Ovar (Barreira, Dordio e Teixeira, 1998; Castro, Dordio e Teixeira, 2003 e Sousa 2012, Newstead 2008).

Na verdade, estas produções encontram-se largamente documentadas nesta zona, no sítio Ria de Aveiro B (Alves *et. al.*, 1998; Coelho, 2009) e na área urbana de Aveiro – nomeadamente nas escavações efectuadas no Museu daquela cidade e em recolhas de materiais durante obras na área do antigo Bairro das Olarias (Barreira *et. al.*, 1998, p. 181), entre outros pontos. Paralelamente, a documentação escrita atesta a intensa actividade oleira nesta região desde o século XV, nomeadamente nas povoações de Ovar, Aradas, Ouca e no Bairro das Olarias em Aveiro, com produções diversificadas – cerâmica vermelha e negra, utilitária e de construção (Silva, 1996).

2.2 Tipologia

O desenvolvimento da investigação sobre os vestígios da carga de RAVA identificar novas formas, como jarros

e funis, o que implicou a actualização da anterior tipologia (Alves *et. al.,* 1998). Registaram-se, igualmente, variantes de formas já representadas - tachos, púcaros, cantis, cântaros e talhas (Bettencourt e Carvalho, 2009). O estudo tipológico permitiu, assim, documentar praticamente todas as formas e tipologias de objectos cerâmicos utilizados no quotidiano da época[1]. Com efeito, apesar do carácter multi-funcional de algumas formas, pode dizer-se que as tigelas, os pratos, os púcaros, os jarros e algumas jarras ou bilhas se inserem na categoria de louça de mesa; os alguidares, os tachos e as panelas correspondem a louça de cozinha; os cântaros, as talhas, os cantis e os atanores serviam para armazenamento e transporte de líquidos. Os testos e as bilhas podem ser incluídos nas categorias de louça de mesa, de cozinha ou de armazenamento de líquidos e as talhas, além de contentores para armazenamento, podem ter tido funções decorativas. A higiene pessoal está representada pelos servidores e por alguidares ou bacias. Entre os materiais cerâmicos encontram-se, ainda, alguns exemplares menos comuns e com outras funções: mealheiros e fragmentos de um fogareiro.

2.2.1 *Louça de mesa*

As tigelas são o tipo mais comum (53,51% do total da cerâmica classificada até à data), registando-se três variantes: 1A, 1B/1C1 e 1C2. A forma 1A corresponde ao tipo de menores dimensões e apresenta corpo hemisférico. A forma 1B/1C1 distingue-se da 1A por apresentar carena de perfil mais ou menos curvo. A variante 1C2 tem forma troncocónica, de paredes extrovertidas e carena acusada, e o bordo extrovertido, espessado e aplanado superiormente. A totalidade das tigelas assenta em pé baixo, maioritariamente de perfil indistinto (figs. 5-6).

Estão ainda significativamente representados os pratos (14,64% do total da cerâmica), divididos em duas variantes: 2 e 3. A variante 2 apresenta forma troncocónica de paredes extrovertidas e bordo extrovertido e pendente de secção subtriangular. A forma 3 apresenta corpo troncocónico, com paredes extrovertidas, demarcadas por um profundo estrangulamento no seu volume mediano. A aba é inclinada, com bordo extrovertido e pendente. Ambas as variantes assentam em pé baixo, de perfil indistinto. É possível que a forma 3 tenha sido também utilizada como tampa.

A superfície interna dos pratos, tal como a das tigelas, pode revelar engobe ou aguada de tonalidade vermelha, alaranjada ou castanha, nas peças produzidas com pastas vermelhas ou alaranjadas. Depois de brunida, esta aplicação forma linhas concêntricas ou espiraladas.

As peças de cerâmica preta, resultantes da cozedura em ambiente redutor, oferecem aguadas de tom negro, mais escuro do que a superfície, formando os mesmos motivos de linhas concêntricas ou espiraladas.

Na categoria de louça de mesa (Figs. 5-6) inserem-se os púcaros, outra das formas mais representadas (14,15% do total da cerâmica), com uma grande variedade de decoração e tratamento das superfícies. Até ao momento foram identificadas três variantes (7A/7B, 21, 22). A variante mais comum, forma 7A/B, exibe corpo globular, colo troncocónico de paredes extrovertidas e, uma asa vertical de secção subcircular, que arranca do bordo e termina a meio do bojo, e um pé em bolacha. A forma 21 apresenta corpo globular com profunda canelura horizontal no bojo, colo troncocónico de paredes extrovertidas e base plana. Em ambas, a superfície externa pode oferecer aguada de tonalidade mais escura do que o cerne que, depois de brunida, forma uma temática decorativa diversificada no bojo: linhas verticais ou oblíquas, paralelas ou cruzadas, que formam motivos losangulares, em ambos os casos de espessura variável.

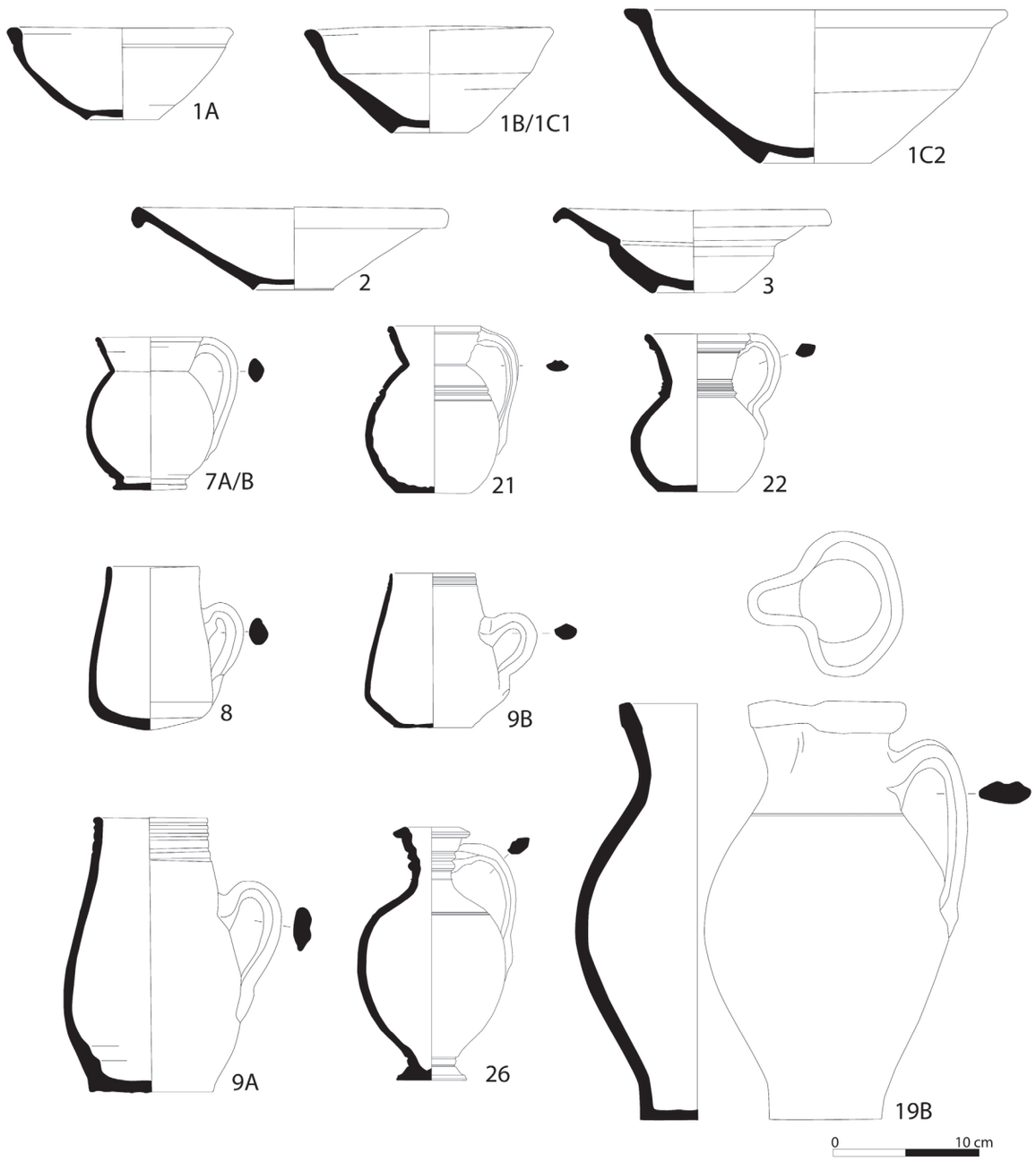
A terceira variante de púcaro (forma 22) está representada por apenas cinco peças inteiras. Esta forma oferece características bastante diferentes das anteriores. Tem corpo globular achatado e o colo alto troncocónico de paredes extrovertidas, demarcado do bojo por acentuada canelura. O bordo é extrovertido e espessado, de secção subcircular. Apresenta uma asa vertical, que arranca no bordo e termina a meio do bojo, e assenta em base plana. Ao contrário dos outros exemplares recuperados, estes púcaros não apresentam qualquer tratamento das superfícies.

Foram ainda identificadas canecas, correspondendo aos tipos 8, 9A e 9B da tipologia. O tipo 8 tem corpo cilíndrico, ligeiramente troncocónico, de paredes introvertidas, com colo indiferenciado; a asa é vertical de secção subcircular, arrancando e terminando no bojo, e a base é convexa. A forma 9A apresenta corpo ovóide, uma asa vertical de secção oval e assenta em base plana. O tipo 9B corresponde a uma forma marcadamente troncocónica de paredes introvertidas e carena acentuada na parte mais baixa do corpo; o colo é indistinto e termina em bordo vertical com lábio de secção subcircular demarcado exteriormente por linhas horizontais incisas, assentando em base plana. A base convexa da forma 8 sugere que esta poderá ter sido utilizada com outras funções, nomeadamente como medida.

A louça de mesa inclui também duas variantes de jarros e uma de jarra ou bilha. A forma 19A está representada apenas por um fragmento com bico trilobado e arranque de corpo hemisférico. A forma 19B apresenta

1. Sobre o quotidiano ver, por exemplo, Fernandes, 2003.

corpo ovóide alongado com colo troncocónico de paredes extrovertidas, demarcado do bojo por uma canelura horizontal, e bordo espessado com bico trilobado. No corpo apresenta uma asa vertical que arranca no colo e termina a meio do bojo. Na face exterior tem decoração brunida, semelhante à dos cântaros e das outras formas fechadas. A jarra ou bilha (forma 26) tem corpo ovóide e colo estreito. O bordo é espessado e extrovertido, decorado por caneluras. Apresenta uma asa vertical, que arranca no bordo e termina no bojo. O pé é alto, com base plana. Algumas destas peças exibem, na superfície exterior, engobe de tom mais escuro do que as pastas, formando motivos decorativos semelhantes aos descritos para os púcaros.



5. Louça de mesa.

6. Louça de mesa - 1A, 1B/1C1, 1C2,7A/B e 9B.

2.2.2 Louça de cozinha

Nesta categoria (figs. 7-8) incluem-se os tachos ou terrinas com duas variantes: as formas 4 e 24 da tipologia. A forma 4 apresenta corpo troncocónico de paredes extrovertidas e colo curto e introvertido, demarcado do corpo por carena, terminando num bordo espessado de secção semicircular; tem duas asas horizontais no arranque do bojo, simétricas e torcidas, de secção oval, e base convexa. A forma 24 distingue-se da anterior por assentar em pé baixo de perfil indistinto, semelhante ao das tigelas.

Os alguidares (forma 5) constituem outro tipo largamente representado no sítio (7,41% do total da cerâmica). Apresentam forma troncocónica, bordo extrovertido e pendente de secção subtriangular e assentam em base plana. Na superfície interna apresentam engobe ou aguada de tonalidade mais escura do que o cerne, formando linhas concêntricas ou espiraladas semelhantes às das tigelas e dos pratos.

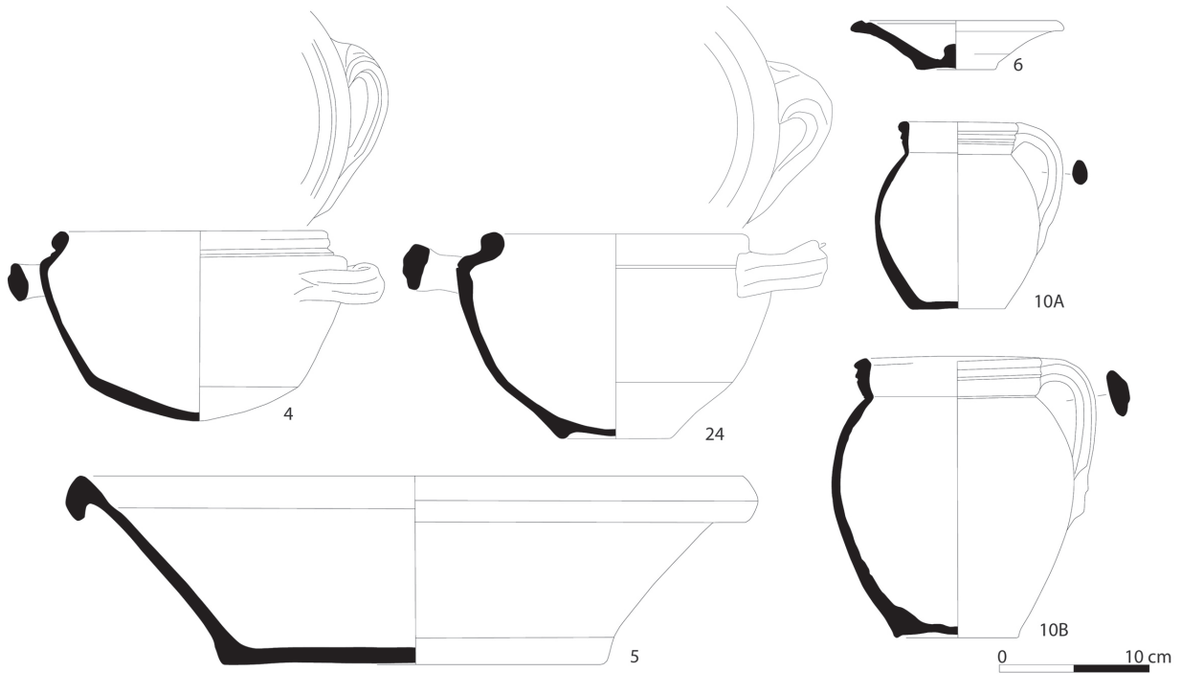
Foram ainda incluídos neste grupo a forma 10A, uma variante de panela ou púcaro, e a 10B, uma panela. Ambas têm o corpo ovóide, com colo curto de paredes quase rectas, bordo espessado, de secção semicircular, e uma asa vertical, de secção oval ou circular, que arranca no bordo e termina no bojo. A forma 10B apresenta, no entanto, dimensões superiores à 10A.

Foram ainda identificados fragmentos de um fogareiro e de tijolos, estes últimos com função ainda indeterminada no contexto deste sítio de naufrágio. Relacionados também com a cozinha, o armazenamento e a conservação de alimentos encontram-se os testos (forma 6).

2.2.3 Louça de armazenamento, conservação e transporte

Este grupo (figs. 9 a 11) inclui um conjunto de formas fechadas, nomeadamente cântaros, cantis ou bilhas, atanores e talhas.

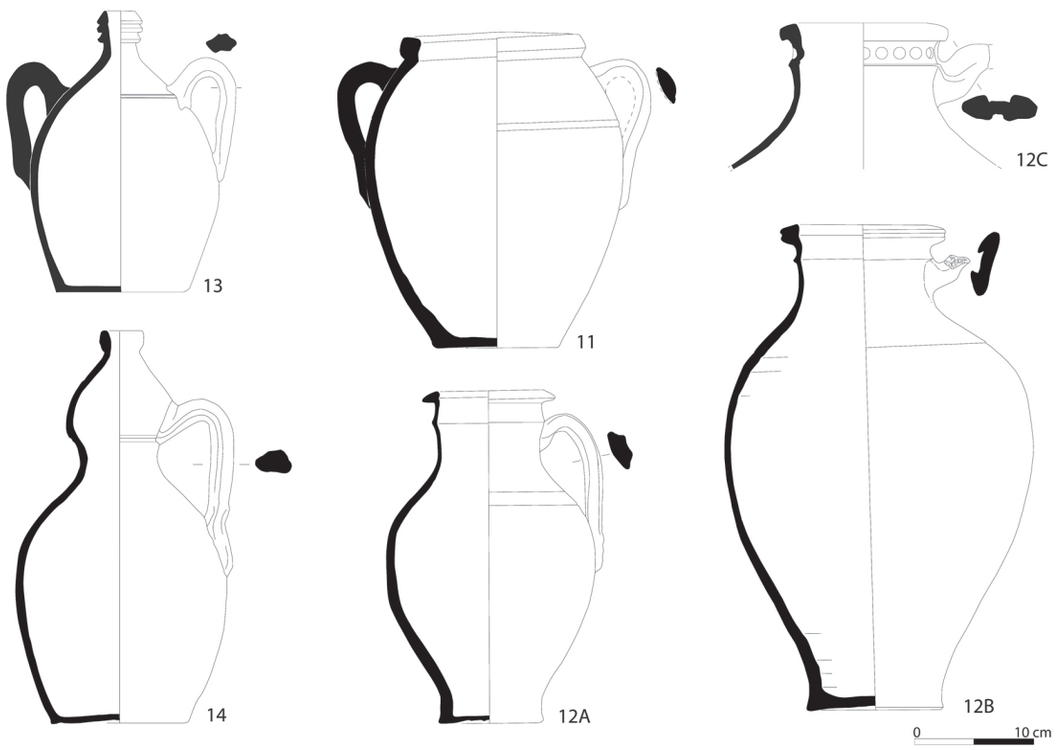
A forma 12 corresponde a cântaros, que podem ser



7. Louça de cozinha.

8. Louça de cozinha - 4, 10A, 10B e 6.

divididos em dois grupos distintos, considerando critérios dimensionais e características morfológicas. A primeira variante, que corresponde à forma 12A da colecção, oferece corpo ovóide alongado e colo cilíndrico que termina em bordo espessado, ligeiramente pendente, de secção subtriangular. O tipo 12B, de maiores dimensões, tem atributos semelhantes, excepto no bordo, espessado de secção subquadrangular. Tal co-



9. Louça de armazenamento, conservação e transporte.

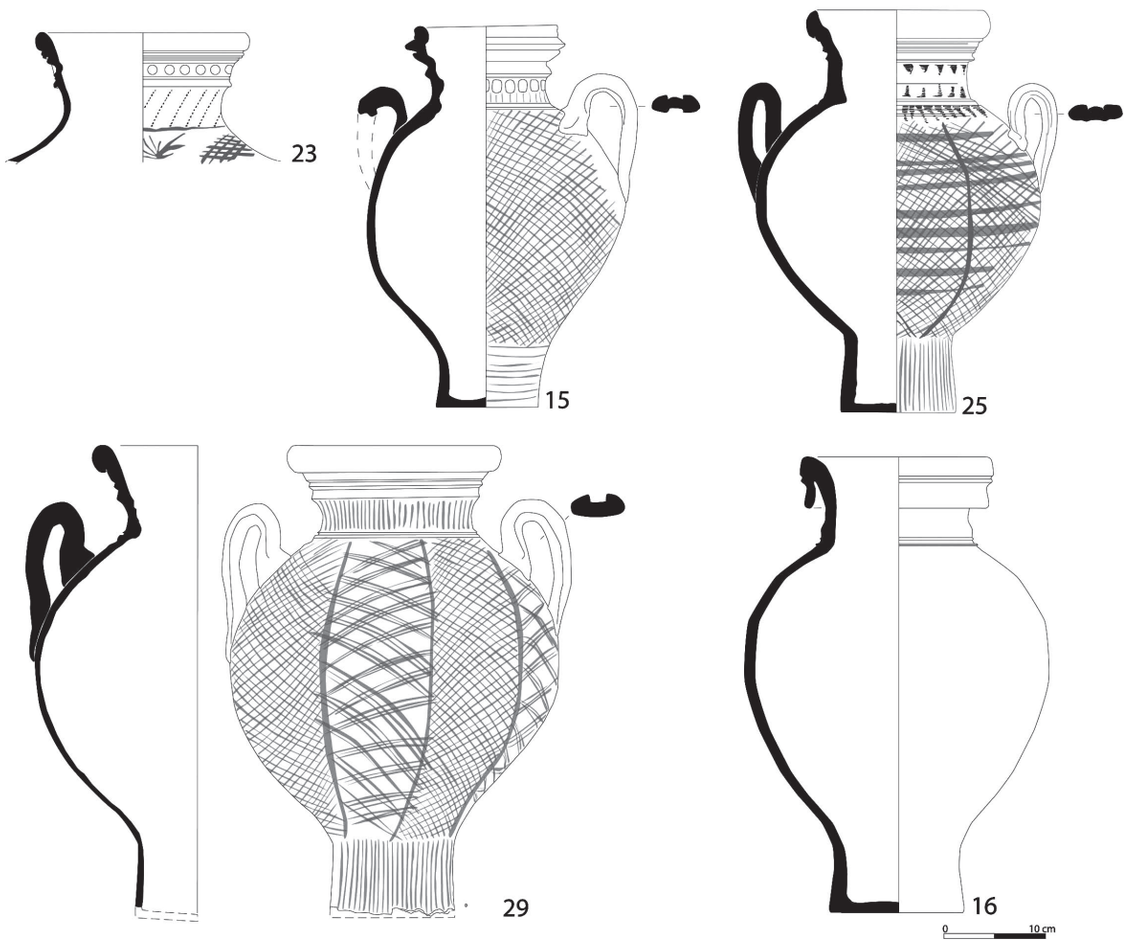
10. Louça de armazenamento, conservação e transporte - 19B, 13, 16 e 12A.

mo na forma 12A, o colo apresenta uma canelura saliente, sensivelmente no seu volume mediano. Ambas as variantes têm asa vertical, em fita, e base plana. A superfície externa dos cântaros exibe aguada de tonalidade mais escura que os cernes, formando decoração composta por linhas verticais paralelas e horizontais, de espessura diversa (temática decorativa similar à dos púcaros ou de algumas talhas). Um fragmento de bordo de cântaro (12C) apresenta ainda decoração modelada.

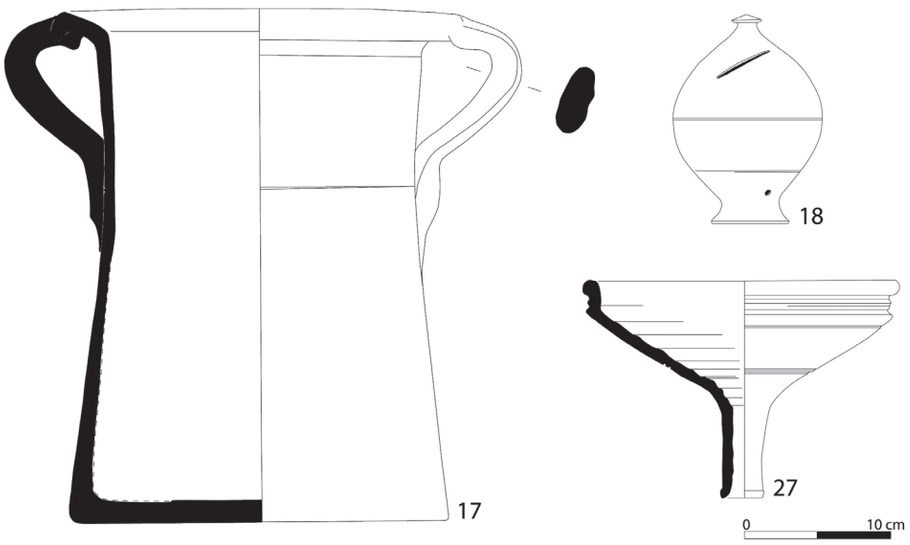
Dentro da louça de armazenamento, foram identificadas até ao momento duas formas distintas de cantis ou bilhas. A forma 13, com diversas variantes, apresenta corpo ovóide e colo alto, estreito e afunilado. Tem duas asas verticais simétricas de secção semicircular, arrancando no início do colo e terminando a meio do bojo, e base plana. A 14, em forma de cabaça, apresenta corpo ovóide alongado, colo esférico afunilado separado do corpo por profundo estrangulamento, uma asa vertical que arranca a meio do bojo e termina no ombro, e base plana.

Foram também reconhecidos atanores (forma 11), com corpo ovóide, que termina em bordo espessado, de secção subquadrangular. Estes apresentam duas asas verticais simétricas e assentam em base plana. Os exemplares recuperados não exibem qualquer decoração ou tratamento das superfícies.

Neste grupo temos ainda as talhas, que exibem grande variedade formal e decorativa (fig. 11). Todas as variantes têm corpo ovóide alongado e assentam em base plana e estreita. Na forma 15 o bordo e colo apresentam caneluras salientes e decoração modelada. As formas 23 e 25 têm ainda decoração incisa no colo. A forma 29 tem caneluras no colo, mais simples que as anteriores. As variantes 15, 25 e 29 oferecem duas asas verticais simétricas em fita larga com canelura central. A forma 16, a mais comum em toda a colecção e única variante com vários exemplares, distingue-se das anteriores por apresentar bordo pendente, mais simples, e por não possuir asas. O colo e os bordos destas peças, dada a sua complexidade formal e decorativa, foram todos aplicados posteriormente sobre o corpo indicando fases de produção distintas. Em algumas das talhas, a superfície externa oferece aguada de tonalidade mais escura do que os cernes, com motivos decorativos diversificados.



11. Louça de armazenamento e conservação – talhas.



12. Formas com outras funções.

13. Formas com outras funções - 17, 27 e 18.

2.2.4 Outras funções

Entre os materiais cerâmicos encontram-se ainda alguns exemplares menos comuns e com outras funções: servidores, relacionados com a higiene (forma 17); mealheiros (forma 18); funis (forma 27) e fragmentos de um fogareiro.

3. CRONOLOGIA

Uma problemática essencial inerente ao estudo das cerâmicas do sítio RAVA é a da cronologia do naufrágio e das produções recuperadas. As quatro datações por radiocarbono efectuadas no início dos trabalhos a materiais orgânicos provenientes do contexto apontam para meados do século XV (Alves *et. al*. 2001a).

Todavia, se o estudo comparativo, a nível tipológico, permite sustentar essa cronologia para algumas das formas representadas, para outras as cronologias definidas em contextos terrestres indicam um âmbito cronológico mais recente, na época moderna.

No mundo anglo-saxónico, estas produções foram agrupadas no tipo denominado *Merida Ware*. Esta denominação surgiu nos anos 60 do século XX e foi criada por John Hurst para designar a cerâmica comum com superfícies vermelhas ou acastanhadas, com pastas ricas em mica, que se supunham ser fabricadas na região de Mérida, e que eram encontradas em contextos arqueológicos dos séculos XIII ao XVII na Europa, em contextos coloniais ingleses e holandeses, na América do Norte, ou nos navios da Armada Invencível (Gutierrez, 2000, p. 74-75).

Na Europa as cerâmicas de Aveiro têm surgido sobretudo em níveis arqueológicos do século XVI ou do sé-

Forma	Altura (cm) (máx-min)	Ø bordo (cm) (máx-min)	Ø base (cm) (máx-min)	Ø máximo (cm) (máx-min)
Tigela 1A	4,7 – 7,7	14 – 21	4 – 6,6	14 - 21
Tigela 1B/1C1	4,8 – 9,9	14 – 19,2	4 – 6,9	14 - 19,2
Tigela 1C2	8,4 – 13,2	19,4 – 25,7	6 – 8,1	19.4 – 25,7
Prato 2	4 – 8,9	10 – 22	5 – 7,2	10 – 22
Prato 3	4 – 6,3	14,8 – 19,5	4,4 – 6,1	14,8 – 19,5
Alguidar 5	8,5 – 13,8	26,4 – 47,7	13,4 - 27	26,4 – 47,7
Púcaro 7A/7B	10 – 12,7	5,8 – 8,8	4,5 – 7,4	7,2 – 11,6
Púcaro 10A	10,6 - 13	8,3 - 9	5,5 – 6,5	10,3 – 12,1
Panela 10B	16 – 22,1	12,5 – 14,4	7,7 – 9,2	15,9 – 18,7
Cântaro 12A	18,2 – 28,5	9 – 12,2	6,3 – 12	12 – 17,9

Tabela 1 – Dimensões das formas mais comuns.

culo XVII, nomeadamente no Porto (Barreira, Dordio e Teixeira, 1998, p. 181), no Machico (Sousa, 2012, p. 218), ou em Southampton (Gutierrez, 2007), só para citar alguns exemplos. Em contextos ultramarinos da América do Norte, nomeadamente em St. Augustine, um pequeno *presidio* fundado em 1565 (Lister e Lister, 1987, Deagan, 1987), foram encontrados fragmentos que parecem corresponder a púcaros da forma 7A e tigelas da forma 1A desta tipologia de RAVA em níveis datados entre 1550 e 1650. Estes fragmentos integram um grupo descrito como *Orange Micaceus*, proveniente de um centro produtor ibérico então desconhecido (Florida Museum of Natural History, 2004).

Do ponto de vista da cronologia, este estudo considera, por isso, uma análise ampla entre a segunda metade do século XV e a primeira metade do XVII. Esperamos que novas datações por radiocarbono e por termoluminiscência, já em curso, a par da continuidade da análise da colecção de RAVA, nos permitam encurtar a margem de incerteza.

4. A CERÂMICA DA REGIÃO DE AVEIRO E A CIRCULAÇÃO NO ATLÂNTICO

Estas produções parecem ter atingido uma difusão comercial expressiva durante os séculos XVI e XVII. No continente português, estes materiais têm grande representação quantitativa e tipológica no Porto, na Casa do Infante (Barreira, Dordio e Teixeira, 1998; Castro, Dordio e Teixeira 2003), em Viana do Castelo, onde foram localizadas na Casa de Lanhelas (cf. poster apresentado por Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca nas 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela), e em Coimbra, onde apareceram no Mosteiro de Santa Clara a Velha (comunicação pessoal de César dos Santos) e no Museu Nacional Machado de Castro (comunicação apresentada por Ricardo Costeira da Silva no *Velhos e Novos Mundos: Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*). Tivemos igualmente possibilidade de assinalar a presença de materiais idênticos em Peniche, recuperados durante obras efectuadas na fortaleza, e durante o acompanhamento de dragagens efectuadas em São Martinho do Porto (Moreira *et. al.*, 2001).

As cerâmicas aveirenses foram igualmente identificadas em arquipélagos da Macaronésia: Madeira e Açores. Na Madeira foram documentados fragmentos de tigelas entre os materiais exumados na casa de João Esmeraldo, durante a primeira intervenção arqueológica efectuada no Funchal (Gomes e Gomes, 1998). Desde então foi possível alargar a área de distribuição destes materiais ao Machico, onde foram identificadas peças similares em vários contextos (Sousa, 2012; Sousa, 2006a; Sousa, 2006b; Sousa, Silva, Celso, 2005).

Nos Açores, estes materiais foram identificados nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial. Em São Miguel, na Ribeira Grande, nas escavações do Mosteiro de Jesus (observação dos autores; Sousa, 2012, p. 217-218). Em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, as cerâmicas de Aveiro apareceram no Recolhimento de São Gonçalo (observação pessoal dos autores), entre as cerâmicas recuperadas no navio Angra D ou na baía de Angra do Heroísmo, em zona de fundeadouro (Bettencourt e Carvalho, 2010). No Faial, mais recentemente, foram recolhidas cerâmicas de Aveiro durante o acompanhamento das dragagens no âmbito da construção do novo terminal de passageiros no porto da Horta (Bettencourt, no prelo).

A difusão comercial das produções cerâmicas de Aveiro/Ovar em território português é também registada nas

fontes escritas. O "Aforamento das Sisas das Herdades", de 1628 e 1683, refere o abastecimento da cidade do Porto com louça vermelha de Ovar (Barreira, Dordio, Teixeira, 1998, p. 181). No mesmo sentido, Olga Bettencourt, com base na análise das vereações da vila das Velas (ilha de São Jorge - Açores), avança a possibilidade de, em finais do século XVI, o porto de Aveiro ser o mais importante no abastecimento de louça àquela vila (Bettencourt, 1995, p. 185-186). Do mesmo modo, Manuel Leão refere o abastecimento da ilha Terceira com louça de Aveiro em 1597 (cit. Sousa 2012, p. 219). Também a documentação relacionada com a administração regional insular refere a louça de Aveiro, sugerindo uma certa padronização/standartização na dimensão destas produções (Sousa 2012, p. 219), o que é aliás corroborado pelo estudo tipológico da colecção de RAVA. Com efeito, apesar de existirem algumas diferenças entre os valores mínimos e máximos dos atributos morfológicos de cada tipo, os parâmetros dimensionais acabam por ser muito semelhantes, reflexo de um modelo pré-industrial.

Além do mercado interno, continental e insular, a produção oleira de Aveiro teve circulação internacional. Em território europeu, estas produções foram reconhecidas, por exemplo, em Southampton (Brown, 1995, p. 321-322; Gutierrez, 2007), Plymouth (Hurst, Neal, Beunin-gen, 1986, p. 69-73) e em vestígios de dragagens efectuadas na Galiza, em Bayona (comunicação apresentada por Miguel San Claudio e Raúl Gonzalez no Simpósio *Gentes del Mar*, Luanco, 2009).

Entre os sítios ultramarinos encontram-se vários contextos escavados desde 1930 em St. Augustine, na Florida (Lister e Lister, 1987; Deagan, 1987) ou na Terra Nova. Nesta região, nos últimos anos, foram identificados materiais do mesmo fabrico em vários contextos relacionados com ocupações sazonais de pescadores de origem europeia, como Ferryland, Renews ou Placencia (Mills, 2000; Newstead, 2008). Estes materiais arqueológicos correspondem a um vasto conjunto de cerâmicas descobertas em sítios terrestres e a achados isolados subaquáticos na baía de Kingsman's Cove.

A nível internacional, a documentação comprova sobretudo o papel da região de Aveiro na manufactura de cerâmica industrial, nomeadamente para a exploração açucareira. Um estudo de Manuel Cabrera estima que, entre 1560 e 1575, tenham sido enviadas de Aveiro para os engenhos das Ilhas Canárias mais de 13.000 formas de açúcar, dada a sua boa qualidade (Sousa, 2012, p. 216; Sousa, 2006b). A comprová-lo está a descoberta de formas de açúcar atribuídas à região de Aveiro na ilha Gran Canaria, no engenho de "Las Candelarias", semelhantes às encontradas na Madeira ou nos Açores (Sousa 2012, p. 216). A boa qualidade das formas de açúcar de Aveiro terá mesmo motivado também o *Consejo a la Casa de la Contratación* nos finais do século XVI a considerar o envio destes utensílios para a Ilha de Cuba para a moagem de cana-de-açúcar[2].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo da distribuição das cerâmicas produzidas na região de Aveiro / Ovar, representadas no naufrágio RAVA, verificou-se que estas terão atingido difusão nacional e internacional, surgindo em contextos europeus, atlânticos e americanos relacionados com a colonização peninsular, em cidades portuárias e em áreas de exploração piscatória (Bettencourt e Carvalho, 2007-2008).

A distribuição geográfica das cerâmicas produzidas nesta região parece acompanhar, de um modo geral, os mesmos fluxos de outros produtos exportados ou importados entre os séculos XV e XVII no espaço Atlântico. Efectivamente, durante este período Aveiro assumiu um importante papel comercial nas rotas marítimas que ligavam o norte da Europa ao Mediterrâneo e a Península Ibérica aos seus territórios ultramarinos. Os estudos históricos disponíveis indicam contactos regulares dos armadores e mestres da vila de Aveiro com a Irlanda, a Flandres, as ilhas Atlânticas, a Galiza (Costa, 1997; Amorim, 1997), a Inglaterra (por exemplo Plymouth) (Allan e Barber, 1992), os portos do Golfo da Biscaia (Huxley, 2003) e a Terra Nova (Varela, 1996; Varela, 2001).

A produção e comércio da cerâmica terão sido responsáveis pelo desenvolvimento de uma navegação relacionada com a sua distribuição, documentada nas fontes escritas nacionais e internacionais, no último caso sobretudo relacionadas com abastecimento de formas de açúcar aos centros açucareiros.

Neste contexto, por um lado, a análise da carga do navio Ria de Aveiro A permite constituir uma base de referência para o estudo do comércio e das relações marítimas de Portugal com o exterior, nomeadamente do papel do porto de Aveiro. Por outro, a sua dimensão e as características de uma colecção isócrona, formada por centenas de peças que documentam praticamente todos os aspectos do quotidiano da época, é de grande interesse no âmbito da caracterização da produção de cerâmica de Aveiro/Ovar, constituindo também um ponto de partida para estudos de índole económica, social ou cultural.

Entendemos por isso que a continuidade do estudo da difusão das cerâmicas de Aveiro poderá contribuir para

2. "Carta acordada del Consejo a la Casa de la Contratación para que informe con su parecer sobre la conveniencia de que vayan uno o dos navíos con utensilios de barro desde Aveiro en Portugal a la isla de Cuba, para la labor de molienda de la caña de azúcar." Madrid, 1598, Archivo General de Indias, ES.41091.AGI/22.15.2019 // INDIFERENTE, 1952, L.4, F.200.

a compreensão das redes de circulação de pessoas e bens na época da expansão ibérica ultramarina.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Dr. Francisco Alves, investigador responsável do projecto FCT durante a segunda fase dos trabalhos, ao IGESPAR - DANS o apoio prestado para a continuação deste estudo e a toda a equipa que participou neste projecto. Os desenhos das formas novas foram realizados por Guida Casella; as fotografias das cerâmicas são de José Paulo Ruas.

BIBLIOGRAFIA

ALLAN, J. e BARBER, J. (1992) – A seventeenth-century pottery group from Kitto Institute, Plymouth. In GAIMSTER, D. e REDKNAP, M. eds. – *Everyday and Exotic Pottery from Europe. Studies in honour of John G. Hurst.* Oxford: Oxbow Books, p. 225-245.

ALVES, F. (1997) – Os destroços do navio do séc. XV: Ria de Aveiro A. In FERNANDES, I. M. e TEIXEIRA, R. coord. – *A Louça preta em Portugal: olhares cruzados. Catálogo da exposição itinerante "A Louça Preta em Portugal"*. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais.

ALVES, F. *et. al.* (1998) – A Cerâmica dos destroços do navio de meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona de Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 185-210.

ALVES, F. *et. al.* (2001a) – The hull remains of Ria de Aveiro A: a mid-15th century shipwreck from Portugal: a preliminary analysis. In ALVES, F. ed. – *International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition: Hull remains, manuscripts and ethnographic sources: a comparative approach.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 317-345. (Trabalhos de Arqueologia 18)

ALVES, F. *et. al.* (2001b) – Ria de Aveiro A: a shipwreck from Portugal dating to the mid-15th century: a preliminary report. *International Journal of Nautical Archaeology*. London. 30.1, p. 12-36.

ALVES, F.J.S.; CASTRO, F. e LABRINCHA, J.A. (1998) – Physical and Chemical Characterization of Archaeological Ceramics found in a mid-15th Century shipwreck in Ria de Aveiro. In *Actas do Euromat'98 "Materials in Oceanic Environment"*. Lisboa, p. 223-232.

AMORIM, I. (1997) – *Aveiro e a sua Provedoria no século XVIII (1690-1814), estudo económico de um espaço histórico.* Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.

BARREIRA, P., DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.

BETTENCOURT, J. e CARVALHO, P. (2007-2008) – A carga do navio Ria de Aveiro A (Ílhavo, Portugal): uma aproximação preliminar ao seu significado histórico-cultural". *Cuadernos de Estudios Borjanos.* Borja, L-LI, p. 257-287.

BETTENCOURT, J. e CARVALHO, P. (2009) – A carga de cerâmica do navio Ria de Aveiro A (Ílhavo, Portugal). In ZOZAYA, J., RETUERCE, M., ÁNGEL HERVÁS e DE JUAN, A. eds. – *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 947-954.

BETTENCOURT, J. e CARVALHO, P. (2010) – Arqueologia marítima da baía de Angra (Angra do Heroísmo, Terceira): enquadramento e resultados preliminares do projecto PIAS. *Arqueologia Moderna e Contemporânea*. Funchal, 1, p. 69-91

BETTENCOURT, J. (no prelo) – O porto da Horta na História do Atlântico (sécs. XVI a XX) a partir do registo arqueológico: alguns exemplos. In *Actas das Jornadas do Mar*, Escola Naval.

BETTENCOURT, O. (1995) – A Periferia das Pequenas Ilhas: o exemplo de São Jorge, a partir das Vereações de Velas (1559--1570-1571). In *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XIX. Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, p.183--188.

BROWN, D. (1995) – Iberian pottery excavated in medieval Southampton. In GERRARD, C. M., GUTIÉRREZ, A. and VINCE, A. eds. – *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: B.A.R., p. 319-328.

CASTRO, F., DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (2003) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante (século XVI a meados do século XVIII): identificação visual e química dos fabricos. In *3.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieva*l. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 223-230.

COELHO, I. P. (2009) – A cerâmica do sítio arqueológico Ria de Aveiro B-C: tipologias e significado histórico-cultural. In *Octávio Lixa Filgueiras. Arquitecto de Culturas Marítimas*. Lisboa: Âncora Editora, p. 163-186.

COSTA, L. F. (1997) – *Naus e Galeões na Ribeira de Lisboa, A construção naval no século XVI para a Rota do Cabo*. Cascais: Patrimonia Histórica.

DEAGAN, K. (1987) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800*, vol. 1. Washington, D.: Smithsonian Institution.

FERNANDES, I. M. (2003) – Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam – o quotidiano visto através da olaria. In SILVA, R. H., FERNANDES, I. M., SILVA, R. B. *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 61-218.

FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY (2004) – Digital Type Collections. Florida Museum of Natural History [em linha]. Florida. [consultado a 7 de Maio de 2007] Disponível em URL: http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/ gallery_types/.

GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1998) – Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. In *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 315-348.

GUTIERREZ, A. (2000) – *Mediterranean pottery in Wessex households (13th to 17th centuries).* Oxford: B.A.R., 306

GUTIERREZ, A. (2007) – Portuguese coarsewares in early modern England: reflections on an exceptional pottery assemblage from Southampton. *Post-medieval archaeology*, 41 (1), p. 64-79.

HURST, G., NEAL, D. e BEUNINGEN, H. (1986) – *Pottery Produced and Traded in North-West Europe 1350-1650*, Rotterdam Papers VI.

HUXLEY, M. B. (2003) – El comercio marítimo y guipuzcoano con el Atlântico peninsular (Astúrias, Galicia, Portugal y Andalucía) y com los archipiélagos de Canárias y Madeira al principio de la Edad Moderna. *ITSAS Memoria. Revista de Estúdios Marítimos del País Vasco.* Donostia-San Sebastián, 4, p. 147-164.

LISTER, F. C. e LISTER, R. H. (1987) – *Andalusian Ceramics in Spain and New Spain. A Cultural Register from the Third Century B.C. to 1700.* Tucson: The University of Arizona Press.

MILLS, S. (2000) – *Seventeenth-century life in Renews, Newfoundland - archaeological analysis of an English West Country planter's house*. Thesis submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Department of Anthropology: Memorial University of Newfoundland. (Texto policopiado)

MOREIRA, J. B. *et. al*. (2001) – *Relatório final de intervenção arqueológica no âmbito das dragagens de 2001 na concha de São Martinho do Porto*. Lisboa, Série Trabalhos do CNANS n.º 0. (Texto policopiado)

NEWSTEAD, S. (2008) – *Merida no more: Portuguese redware in Newfoundland.* Thesis submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Department of Anthropology: Memorial University of Newfoundland. (Texto policopiado)

SILVA, A. M. (1996) – Cerâmica tradicional na região de Aveiro: alguns elementos documentais. *Olaria*. Barcelos. 1, p. 53-77.

SILVA, M. (1991) – *Aveiro Medieval*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.

SOUSA, É. (2006a) – *Arqueologia da Cidade de Machico. A construção do Quotidiano nos Séculos XV, XVI e XVII*. Machico: CEAM-Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.

SOUSA, É. (2006b) – A cerâmica do açúcar das cidades de Machico e do Funchal. Dados históricos e arqueológicos para a investigação da tecnologia e da produção açucareira em Portugal. In SOUSA, É. coord. – *A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna*. Lisboa/Machico: Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea, p. 9-31.

SOUSA, É. (2012) – *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores: (séculos XV-XVIII)*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa da Universidade de Lisboa. (Texto policopiado)

SOUSA, É.; SILVA, J. e CELSO, G. (2005) – Chemical and physical characterization of fragments from ceramic jar called «formas de açúcar» exhumed in the town of Machico, Madeira Island. In PRUDÊNCIO, M. I., DIAS, M. I. e WAERENBORGH, J. eds. *Understanding People Through Their Pottery. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics* (EMAC 03). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 263-268.

VARELA, C. (1996) – Las Rutas Marítimas: La Ruta del Bacalao. In VENTURA, M. G. ED. - V*iagens e Viajantes no Atlântico Quinhentista. Primeiras jornadas de História Ibero-Americana*. Lisboa, p. 57-66.

VARELA, C. (2001) – O controlo das Rotas do Bacalhau nos séculos XV e XVI. *Oceanos. Terra Nova. A epopeia do bacalhau*. Lisboa. 45, p. 22-30.